

*Leandro Gomes de Barros*

# O CACHORRO DOS MORTOS



(Leandro Gomes de Barros)  
**O CACHORRO DOS  
MORTOS**

Os nossos antepassados  
Eram muito prevenidos,  
Diziam: - Mato têm olhos  
E paredes têm ouvidos,  
Os crimes são descobertos  
Por mais que sejam escondidos.

Em oitocentos e seis,  
Na Província da Bahia,  
Distante da Capital  
Três léguas ou menos seria,  
Sebastião de Oliveira  
Ali num canto vivia.

Ele, a mulher, duas filhas  
E um filho homem já feito,  
O rapaz era empregado  
Também estudava Direito,  
O velho não era rico  
Mas vivia satisfeito.

As filhas já eram moças  
Honestas, trabalhadoras,  
Logravam na Capital  
O nome de encantadoras,  
Chamavam a atenção de tudo  
As grandes tranças tão loiras.

- 02 -

Esse velho era ferreiro  
E ferreiro habilitado,  
Vivia além do ofício  
Plantando e criando gado,  
Por três vêzes enjeitou  
O cargo de delegado

Havia um vizinho dele,  
Elisiário Amorim,  
Esse tinha um filho único  
Da espécie de Caim,  
Enquanto o espanhol velho  
Até não era ruim.

O filho desse espanhol,  
Uma fera carniceira,  
Veio provocar namoro  
Com as filhas do Oliveira,  
Uma delas disse a ele:  
- De nós não há quem o queira.

Ele lhe disse: - Não sabes  
Que meu pai possui dinheiro?  
Em terras e criações  
É o maior fazendeiro?  
Ela disse: - O meu é pobre.  
Planta, cria e é ferreiro.

Minha mãe tece de galho  
Nós vivemos de costura  
Papai vive de sua arte  
E da sua agricultura,  
Meu irmão é empregado,  
Para que maior ventura?

O sedutor conheceu  
Seus planos serem de balde  
E só podia vencê-la  
Por meio de falsidade,  
Que é arma mais pronta  
Aonde existe a maldade.



- 03 -

Saiu dali Valdivino  
Fedendo a chifre queimado  
E a Angelita ficou  
Com o coração descansado,  
Nem disse aos outro de casa  
O que se tinha passado.

Ele pensou em forçá-la,  
Mas pensou no resultado  
Devido ao pai de Angelita  
Ser muito considerado  
E o filho, pelo governo,  
Ser tão bem conceituado.

Exclamava ele consigo:  
Oh! Angelita, é tão bela!  
Eu não sossegarei mais  
E nem me esquecerei dela,  
Farei tudo para vencê-la  
Porém não caso com ela.

Mas Valdivino temia  
O pai dela e o irmão,  
O governo de província  
Tinha-lhe muita atenção,  
O irmão era empregado  
E tinha condecoração.

Valdivino ainda pensou  
Em matar o Floriano,  
Podia pagar com ouro  
Todo governo baiano  
Ainda que entrasse em júri  
Não pegava nem um ano.

Ou podia matá-lo  
Oculto numa emboscada,  
Porque ninguém vendo o crime  
Ele não sofria nada,  
Defunto não conta história  
Estava a questão acabada.



- 04 -

Havia então um engano  
Entre Vitória e Bahia,  
A divisão das províncias  
Ali ninguém conhecia,  
Sebastião de Oliveira  
Era o único que sabia.

O governo da província  
Tendo aquele precisão  
Disse um dia a Floriano:  
- Você vá em comissão  
Chama seu pai para vir  
Mostrar a demarcação.

Valdivino de Amorim  
Viu Floriano passar  
Escolheu o lugar próprio  
Onde o pudesse emboscar,  
Dizendo dentro de si:  
Ele não pode escapar.

A fera foi emboscá-lo  
Onde havia um capoeira,  
Carregou um bacamarte  
Fêz de uma árvore trincheira,  
Distante um quarto de légua  
Da fazenda de Oliveira.

O rapaz chegou em casa  
O velho tinha saído,  
Foi ver se achava um jumento  
Que há tempos tinha sumido,  
Um amigo lhe escreveu  
Que tinha lá aparecido.

E Floriano chegou  
Depois que o velho saiu,  
Nessa tarde não voltou  
Com a família dormiu,  
Deu o recado à mãe dele  
E de madrugada seguiu.

- 6 -

Calar, um cachorro,  
Que Sebastião criou,  
Viu Floriano sair  
Depressa o acompanhou,  
Floriano quis voltá-lo  
Porém Calar não voltou.

Passava ali Floriano  
A fera logo o enfrentou,  
Disparou o bacamarte,  
Sem vida em terra o lançou,  
Calar partiu ao sicário,  
O assassino o amarrou.

Quinze minutos depois  
Ouviram grande estampido,  
Angelita se assustou  
Dizendo: - O que terá sido?  
O tiro foi para o lado  
Que o irmão tinha saído.

Angelita convidou  
A sua irmã Esmeralda  
Dizendo: - Vamos aqui  
A passeio pela estrada,  
Aquele tiro que deram  
Deixou-me sobressaltada.

No sertão, naquele tempo,  
Podia uma moça andar,  
Decorriam dois a três meses  
Sem um homem ali passar,  
Por isso foram elas duas  
Sem ter de que recear.

Iam elas conversando  
Sobre a aragem matutina,  
Disse Esmeralda à irmã:  
- Olha para o céu menina,  
Estas vendo aquela estrela  
Como tem a luz tão fina?

- 06 -

Chegaram, acharam o irmão  
Morto no meio da estrada,  
Ele, de dentro do mato,  
Atirou em Esmaralda,  
Enfrentou a Angelita  
Dizendo: - Não diga nada.

Angelita muito pálida,  
Mas não estava esmorecida,  
Vendo os dois irmãos já mortos  
Por uma mão homicida,  
Ihe disse: - Monstro tirano,  
Eu morro e não sou vencida.

Ele lhe disse: - Angelita,  
Com tudo isso sou teu...  
Foi dar-lhe um beijo nos lábios  
E Angelita o mordeu,  
Ele cravou-lhe o punhal  
Ela ali esmoreceu.

Pondo a mão na punhalada  
Disse: - Monstro desgraçado  
Aquele velho cachorro  
Que está ali amarrado  
Descobrirá este crime  
E tu serás enforcado.

Olhou para um gameleiro  
Que tinha junto à estrada  
Dizendo: - E tu, gameleiro,  
Que viste a cena passada,  
Es uma das testemunhas  
Quando a hora for chegada

Já na última agonia  
Exclamou: - Monstro assassino  
Tiraste agora três vidas  
E não saceias o destino,  
Isso hei-de te lembrar  
Perante o Juiz Divino.



- 07 -

Não julgues que ficas impune  
Este sangue no deserto,  
Tu não vês testemunhas  
Que estão aqui muito perto?  
Essas, perante o público  
Dão depoimento certo.

Disse Valdivino: - És louca!  
Quem viu o que foi passado?  
Disse Angelita:- Esse cão  
Que ali está amarrado,  
O gameleiro e as flores  
Dirão no dia chegado.

Olhou para o cão e disse:  
- Olhar, meu velho Calar,  
Tu dirás tudo ao juiz  
Sem ele te perguntar,  
Este velho gameleiro  
Ficar para te ajudar.

E essa flor que por ela  
Há festa aqui todo o ano,  
Há de tirar a justiça  
De uma suspeita ou engano,  
Diga ao juiz: - Venha ver  
Quem matou o Floriano,

As três vidas que roubaste  
Pagarás com tua vida,  
Tu hás de te arrependeres  
Depois de causa perdida,  
Uma lágrima de cor  
Será por teu pai vertida

Com tudo, monstro, perdô-te  
Porque fui e sou cristã,  
A morte de meu irmão,  
A minha e de minha Irmã,  
Tu hoje matas a mim  
Outro te mata amanhã

- 08 -

E pondo a mão sobre uma  
das punhaladas que tinha,  
Disse a Calar: - Se fugires  
Consola minha mãezinha  
E lhe digas que abençoê  
Os pobres filhos que tinha.

Embora que tu não fales,  
Pois não te foi concedido,  
Mas um olhar bem lançado  
Dá idéia de um bem um sentido,  
Um uivo e um teu olhar  
Pode ser compreendido

E ali, serrando os olhos  
Quase a sorrir expirou,  
O assassino a olhando  
Chorando se retirou,  
Depois pensou: - Isso é nada!  
Com toda a calma voltou.

Já estava frio o cadáver,  
Porém nas faces mimosas  
Se via perfeitamente  
Desenhos de duas rosas  
Como que fossem pintadas  
Por mãos das mais curiosas.

Em Esmeralda se via  
O sangue ainda saindo,  
Vestígios de zombaria  
Como quem morre sorrindo,  
Como criança brincando  
Que finge que está dormindo.

O rapaz banhado em sangue  
Bem no centro da estrada,  
À esquerda de Angelita,  
À direita de Esmeralda,  
Tendo uma mão na ferida  
E a outra mão estirada

- 09 -

Valdivino tinha, à noite ,  
Escrito numa carteira:  
"Eu hoje hei-de matar  
Floriano de Oliveira,  
Se não matá-lo, me mato,  
Será minha derradeira."

Datou, assinou o nome,  
pegou na arma e saiu,  
Se encostou no gameleiro  
A cadeira escapoliu,  
Havia um ôco na árvore  
Nêle a carteira caiu.

A fera não se lembrou  
Da testemunha ocular,  
Perdendo aquela carteira  
alguém, a podia achar,  
Ela na mão da justiça  
Quem poderia o salvar?

Porém uma força oculta  
Permitiu que ele a perdesse  
E a mesma força impôs  
Quem dela ele esquecesse  
Para dizer ao seu tempo:  
- O assassino foi êsse!

Calar, o pobre cachorro  
que aquele espetáculo via,  
soltava uivos enormes  
Que muito longe se ouvia,  
Rosnava e fitava os olhos  
Debalde a corda mordia.

Valdivino ali puxando  
Um facão muito afiado  
Descarregou no cachorro  
Um golpe encolerizado  
Errou-o e cortou-lhe a corda  
Com que ele estava amarrado.



- 10 -

Valdivino ficou triste  
Vendo o cachorro correr,  
Lembrou-se do que Angelita  
Disse antes de morrer,  
Depois disse: Ele não fala,  
Como poderá dizer?

Calar chegou na fazenda  
Uivando desesperado,  
Dona Maria da Glória  
Já tinha se levantado,  
Quando ouviu o cão uivando  
logo cresceu-lhe o cuidado.

E foi procurar os filhos  
Onde ouviu os estampidos,  
Calar foi adiante uivando  
Com enormes alaridos,  
E dona Maria da Glória  
lá já sem os sentidos

Qual não foi o seu espanto  
Quando chegou ao lugar  
Onde achou os filhos mortos  
Sem nada poder atinar,  
Calar sabia de tudo,  
Mas não podia falar.

Voltou Maria da Glória  
Num triste e penoso estado,  
Já Sebastião em casa  
A esperava sentado,  
Não sabia da desgraça  
Que há pouco tinha se dado

Perguntou pela família  
Ela não pode falar,  
Disse apenas:- Morreu tudo  
Apontando para o lugar,  
Estendeu-se sobre o chão  
Sem nada mais atinar.

- 11 -

Sebastião de Oliveira  
Foi por onde a mulher veio,  
Achou a poça de sangue  
E os filhos mortos no meio,  
Olhou para o céu e disse:  
- Oh, meu Deus, que quadro feio!

Foi perguntar à mulher  
Como auilo tinha-se dado,  
Ela apenas lhe contou  
O que se tinha passado,  
Deixando o pobre ancião  
Aflito e impressionado.

Montou num burro e saiu  
Dali para a Capital,  
Logo chegando à cidade  
Foi ao quartel general,  
Lá falou quase uma hora  
E nada disse, afinal.

Depois de muita insistência  
O presidente entendeu  
Perguntou por Floriano  
Ele lhe disse: - Morreu!  
Ele e a família toda  
E contou o que aconteceu

A justiça toda foi  
Ver o que tinha se dado,  
Encontraram os três cadáveres  
No chão em sangue banhado,  
Calar ainda estava uivando  
Junto dos mortos deitado.

Foram à casa de Oliveira  
Ver se Maria da Glória  
Dava um roteiro que ao menos  
Se calculasse uma história,  
Ela contou essa mesma  
Que eles guardam na memória.

- 12 -

Dona Maria da Glória  
Dois dias depois morreu,  
Sebastião de Oliveira  
Em três dias enlouqueceu,  
Dentro de duas semanas  
Tudo desapareceu.

A justiça da Bahia  
Não cessou de procurar,  
Espalhou por toda parte  
Secretas a indagar,  
Não havia uma pessoa  
Que dissesse: Eu vi matar.

Dava dez contos de réis  
Na moeda que quisesse  
À pessoa que chegasse  
E seriamente dissesse,  
Teria mais um terreno  
A pessoa que soubesse.

Porém o crime se deu,  
Quando ali ninguém passava,  
Calar sabia de tudo  
Porque no crime ele estava  
Se falasse descobriria,  
Desejo não lhe faltava.

Impressionava a todos  
Habitantes da cidade  
Como deu-se aquele crime  
Naquela localidade,  
A Floriano de Oliveira  
Todos lhe tinham amizade.

Atribuiu-se a um roubo  
Por algum aventureiro,  
Mas o rapaz costumava  
A não andar com dinheiro,  
Questão de moça não era  
Ele era bem justiceiro.



- 13 -

Os moradores de perto  
Eram todos conhecidos,  
Compadres dele e do pai  
E por eles protegidos,  
Tanto que dando-se o crime  
Todos ficaram sentidos.

Elisiário era um dêsses  
Abortos que tem havido,  
Um desses que o pão que come  
Se considera instruído  
Fazer-lhe mal é pecado,  
Fazer-lhe o bem é perdido.

Esse era fazendeiro  
Porem dali não saia,  
Nem era bem conhecido  
No comércio da Bahia,  
Só onde vendia lã  
Alguém lá o conhecia.

E o dono de um açougue  
Onde ele vendia o gado,  
O banco onde ele tinha  
Dinheiro depositado,  
Tanto que deu-se esse crime  
E ele não foi lembrado.

Sentiu e chorou bastante  
A morte do camarada  
E não foi ser à missa dele  
Por não ser de madrugada,  
Pois só tinha uma camisa  
E estava muito estragada.

Também procurou saber  
Qual seria o assassino,  
Não sei se pelo dinheiro  
Ou pelo próprio destino,  
Porém nunca veio-lhe à mente  
Ser seu filho Valdivino .

Onde deu-se o crime haviam  
Duas estradas em cruz,  
Diziam que ali acharam  
Umhas flôres muito azuis  
Formando uma lapa igual  
A do menino Jesus.

Os Baianos costumavam  
Desde a antiguidade,  
Fazerem uma grande festa  
Naquela localidade,  
Vésperas e dias de ano  
Ali era novidade.

Na capital da Bahia  
Não havia outro festim,  
Havia missa campal  
Orquestradas e botequim,  
Bailes naquelas latadas  
Cobertas de folha e capim.

Em oitocentos e nove  
Estava a festa a terminar,  
Um velho dali que caçava  
Passou naquele lugar,  
Atrás desse caçador  
Vinha o cachorro calar.

Abrigou-se numa sombra  
Vinha muito esbaforido,  
Foi chorar ao pé da cruz  
Que o senhor tinha morrido,  
Cheirou as das duas moças  
Depois soltou em gemido.

Estava ali o general,  
O bispo e o presidente  
E o chefe da policia,  
Homem muito experiente,  
Todos ficavam daquilo  
Impressionadamente.

- 15 -

O general perguntou  
De quem era aquele cão,  
Respondeu o velho Pedra:  
- Este cachorro, patraõ,  
É do defunto Oliveira  
Que Deus dê a salvação.

Este cachorro é o rei  
Dos cachorros caçadores  
Ainda adora o lugar  
Que lhe mataram os senhores  
Se fosse de madrugada  
Vosmicê via os horrores.

Disse o chefe de polícia:  
- Ainda não se descobriu  
A morte de um patriota  
Que tanto à pátria serviu,  
Foi aqui neste deserto  
Em horas que ninguém viu.

Disse então o presidente:  
- se ainda se descobrir  
O autor dessas três mortes  
Eu juro a Deus os punir,  
Serei o carrasco dele  
Quando ele á forca subir.

Sebastião de Oliveira  
Era um pobre acreditado,  
A família era um exemplo  
O filho um rapaz honrado,  
Era um baiano distinto  
Por tudo mundo estimado

Depois disse o general:  
- Isso ainda é descoberto  
O crime foi muito oculto  
Feito aqui neste deserto,  
Mas quando chegar o dia  
Há de saber-se por certo



- 16 -

Se eu for vivo nesse tempo  
serei o algoz mais forte,  
Serei um dos que o conduz  
Para o teatro da morte,  
Com a minha própria mão  
Amolo um ferro que o corte.

O cachorro ouviu aquilo  
Ergueu-se muito contente,  
Foi aos pés do general  
Festejou o presidente,  
Como quem dizia: - O crime  
É punido, certamente.

Disse o bispo:- Este cachorro  
É testemunha ocular,  
Ele viu quem fêz as mortes  
Só falta é ele contar,  
Se visse o criminoso  
Podia o denunciar.

Disse o velho:- Este cachorro  
Fez uma coisa esquisita,  
Tinha uma cobra enroscada  
Onde mataram Angelita  
Ele espedaçou-a a dentes  
Quase que se precipita.

Ele quando chega aqui  
Aos pés das cruzes se lança  
Solta uns uivos muito tristes  
Como quem pede vingança  
Como quem pede de balde  
Sem ter daquilo esperança.

Nisto chega um cavalheiro:  
valdivino de Amorim  
Andava fora, ainda vinha  
Ver alcançava o festim,  
Vinha num burro possante  
Alvo, da cor de jasmim.

- 17 -

Assim que o cachorro viu  
Valdivino se apear,  
Rosnou e partiu a ele  
Querendo o estraçalhar  
Só não rasgou-lhe a garganta  
Devido o velho o pegar.

Tremia o queixo e babava  
Fitando ali Valdivino,  
Uivava como quem já  
Tinha perdido o destino,  
Só faltava era dizer:  
"Eis aqui o assassino!"

E foi para o pé da cruz  
Ali pegou a uivar  
Fitava os olhos no céu  
Como quem quer suplicar,  
Como quem dizia- Oh! Deus  
Vem que eu não posso falar.

Disse o bispo a Valdivino  
- O Senhor está descoberto,  
O senhor foi o autor  
Das mortes deste deserto,  
Aquele cachorro deu  
Um depoimento certo.

O monstro viu o perigo  
Fez tudo para negar  
O bispo disse:- Meu filho,  
Não há mentira em olhar,  
Os olhos são verdadeiros  
Não pode nada ocultar.

Os olhos também se queixam  
Um olhar diz o que sente,  
Ameaçam uma traição  
Punição severamente,  
Declara a mágoa ou a dor  
Porém um olhar não mente

O olhar daquele cão  
Esta demonstrando a dor,  
O sentimento profundo  
Da morte do seu senhor,  
Ele só falta falar  
E apontar o matador.

Naquilo duas crianças  
Que estavam em brincadeira,  
Uma delas se trepou  
Num galho de gameleira,  
Tirando um ninho de rato  
Achou nele uma carteira.

O leitor deve lembrar-se  
De um verso que atrás leu,  
Veja na véspera do crime  
O que foi ele escreveu,  
Depois de matar os três  
A carteira que perdeu.

Ali trouxeram a carteira  
Entregaram ao general,  
O bispo disse:- Senhor,  
O que lhe disse afinal?  
Eu não lhe disse que os olhos  
Só dizem o que é real.

Ele ali descobriu tudo  
Em sua interrogação,  
Calar ali demonstrou  
Ter grande satisfação  
Pulava um metro de altura  
E rolava sobre o chão.

Corria escaramuçando  
Como quem estava em folia,  
Abraçou o general  
Com desmarcada alegria,  
Como quem dizia:- Nesses  
Encontrei o que queria.



- 19 -

O povo todo da festa  
Partia para o linchar,  
O bispo e o presidente  
trataram de acomodar,  
Garantindo que a justiça  
Havia de o castigar.

Saiu preso Valdivino  
E Calar acompanhou-o,  
O velho Pedro o chamando  
Mas ele nem o escutou  
Voltou quando o Valdivino  
Preso nos ferros deixou-o.

O general ao sair  
Ordenou ao cozinheiro  
Que desse ao velho Calar  
Um bom lombo de carneiro,  
Porque merecia mais  
Aquele bom companheiro.

O criado deu o lombo  
Calar nem para ele olhou,  
Saiu o povo da festa  
E o lombo lá ficou,  
O cachorro veio comê-lo  
À noite quando voltou.

A mulher de Elisiário  
Sabendo o que aconteceu  
Deu-lhe um ataque tão forte  
Que ela no chão se estendeu,  
Passou a noite sem fala  
No outro dia morreu.

Juvenal, um espanhol,  
Parente de Elisiário,  
Chegando lá disse ao velho:  
- Você é milionário,  
Compre quatro ou cinco médicos  
Que provem que ele está vário.

- 20 -

Porque ele estando louco,  
Não pode ser condenado,  
O processo fica inválido  
Não poderá ser julgado,  
Ai o senhor procura  
O melhor advogado

Elisiário pensou  
Aquilo ser acertado  
Ao contrário Valdivino  
la ser excutado  
E tinha toda a certeza  
Ele morrer enforcado.

Dirigiu-se à Capital  
Procurou advogado,  
esse arrumou cinco médicos  
Foi o réu examinado  
Que provaram há quatro anos  
ele estar alucinado.

O bispo e o presidente  
Consultaram ao general,  
Mandaram ver quatro médicos  
No reino de Portugal  
Pra fazerem na Bahia  
Uma junta especial.

Vieram de portugal  
Quatro médicos escolhidos,  
Que por dinheiro sem conta  
Não seriam iludidos,  
Diziam que seus caractéres  
Jamis seriam vendidos

Examinado o réu  
Cada médico de per si,  
todos disseram que nunca  
Houve tal loucura ali,  
Nem sequer nervos haviam  
Todos juraram ai.

Fizeram novo processo  
Depois dele examinado,  
Estando pronto o processo  
Valdivino foi julgado,  
A sentença que pegou  
Foi de morrer enforcado.

Não havia mais recurso,  
Estava tudo consumado,  
o reu dali há três dias  
já se executado,  
Não tinha mais que apelar  
Por já ter sido julgado.

O velho quase em delírio  
Sem nada mais conseguir  
tentou o último meio  
A fim do filho fugir,  
Mas, só dos degraus da forca  
Podia se escapar.

Então soube que o carrasco  
Era um tal de Zeferino,  
Um calibre mais ao menos  
Igual ao do Valdivino,  
Tinha os três dons de desgraça:  
- Covarde, vil e assassino.

Era um mulato-laranja  
De um aspecto aborrecido,  
O couro da testa dele  
Sempre se via franzindo,  
Os cabelos bem vermelhos,  
Rosto largo e não comprido.

Foi o velho Elisiário  
A esse tal Zeferino  
Ver se ele podia dar  
Evasão a Valdivino,  
Disse:- Ele pula da forca  
E depois toma o destino.



- 22 -

Peque dez contos de réis  
Que lhe dou adiantado  
E se tiver a fortuna  
E ele não for enforcado  
Dar-lhe-ei mais vinte contos,  
O dinheiro es guardado.

Então disse Zeferino:  
- Isso é difícil arrançar,  
Porem quando ele subir  
Eu finjo me descuidar,  
Ele que vá prevenido,  
trate logo de saltar.

Disse Zeferino ao velho:  
- O senhor deve aprotar  
Um cavalo bem ligeiro  
Para quando ele saltar  
Manta-se logo e correr  
Antes de povo chegar.

Eu hoje direi a ele  
Tudo que está planedo,  
- Que cor teráq o caval  
Que há de estar ali selado?  
- Diga que é o poltro cobra  
Em que ele andava mantado.

Valdivino quando soube  
Esse consulta que havia  
Ficou como uma criança,  
Chorou ali de alegria  
Hurando no mesmo instate  
Que calar lhe pagaria.

Então passaram os dias  
Estava o povo aglomerado,  
Valdivino de Amorim  
la ser executado,  
Todos estaamos esperando  
Vê-lo morrer enforcado.

Estava o Estado Maior  
Que vinha presenciar,  
Subiu Valdivino à força  
Zeferino o foi lançar,  
Porem ele se encolhendo  
Canseguiu dali saltar.

E saiu como uma flecha  
Entre o povo se meteu,  
Montando-se no cavalo  
Dali desapareceu,  
Entrerrando-se no matro  
Num instante se escondeu.

O povo indignou-se  
Com a fuga de Valdivino,  
Um daqueles que ali estavam  
Estrangulou Zeferino  
Porque esse tinha dado  
Evasão ao assassino

Porém chegou o cachorro  
Quase na ocasião,  
Soltou dois ou três latidos  
Saiu de venta no chão,  
Quarenta e três praças foram  
também em perseguição

Porém Valdivino ia  
Em bom cavalo Montado,  
Tinha grande desvantagem,  
De não ter saído armado  
E calar no rasto dele  
Gania muito veixado.

Foi preso o Elisiário  
Como autor da evasão,  
O povo não o matou  
Por estar na prisão  
E o bispo, que saiu  
Pedindo à população

- 24 -

Era meia-noite em ponto  
Valdivino ainda corria,  
O cavalo já cansado  
Que nada mais resistia  
E o cachorro Calar  
De vez em quando latia.

Valdivino conhecendo  
Que nada a ele valia  
E o cachorro Calar  
Seu rastro não deixaria  
Pensou em suicidar-se,  
Só assim descansaria.

Dentro do mato apelou-se  
E amarrando o cavalo  
Recostado a uma pedra  
Sentiu alguém acordá-lo,  
Nisso o cavalo soltou-se  
Ele não pode pega-lo

Seguiu por uma vereda  
Descalço e todo rompido  
Ouvindo de vez em quando,  
Calar soltar um latido,  
Foi sair bem no lugar  
Onde o crime tinha havido.

Ele viu na gameleira  
Que sombreava a estrada  
Floriano de Oliveira,  
Angelita e Esmeralda,  
Sebastião soluçando,  
A mulher dele prostrada.

Viu vir uma carruagem  
E nela um magistrado  
Que saudou os cinco vultos,  
Depois de ter-se apeado  
Exclamou:- Sangue inocente  
Breve há de ser vingado!



Tornou a tomar o carro,  
Montando-se foi embora,  
Nesse momento Calar  
Vem com a língua de fora,  
Festejou todos os vultos  
E partiu na mesma hora

Um dos vultos o chamando  
O cachorro destacou,  
Valdivino não ouviu  
O que o fantasma falou,  
Só ouviu foi dizer:- Volte  
E o cachorro voltou

O criminoso pensou  
Que ali não escaparia,  
Lembrando-se de uma pessoa  
Que morava na Bahia,  
Tinha onde o ocultar  
Que nem o cachorro via

Era um compadre e amigo  
A quem ele protegeu,  
Que com dinheiro do pai  
Esse tal enriqueceu  
E visitou Valdivino,  
Quando a justiça o prendeu.

Valdivino calculou:  
- Eu o que devo fazer  
E ir para o quintal dele  
E por ali me esconder  
Ele, ou então a mulher,  
Um há de me aparecer.

E saiu o assassino  
Chegando lá se escondeu,  
Não houve ali quem o visse,  
Quando o dia amanheceu  
O compadre veio fora  
E le lhe apareceu

A Valdivino lhe pediu  
Que não o deixasse morrer,  
Disse-lhe o velho Roberto:  
- Tenho aonde o esconder,  
Porém ninguém mais daqui  
Disso deverá saber.

Quando dias decorria  
O assassino escondido,  
Debaixo de umas madeiras  
Estava ele ali metido,  
O pai dele na cadeia  
E ai ser concluído.

Um dia de quarta-feira  
O velho Calar chegou  
A força ainda estava armada,  
Calar para ela olhou,  
Gravando a vista no céu  
Um uivo triste soltou.

Veio ali o presidente  
Que trouxe um pão e lhe deu  
Calar olhou para ele  
Cheirou-lhe os pés e gemeu,  
Botando o pão entre as mãos  
Deitou-se ali e comeu.

Chegou a força do mato  
Não trazendo o criminoso,  
O general com aquilo  
Ficou muito desgostoso,  
Até o governador  
Ficou doente e nervoso.

O povo ao redor da força  
Só fazia lamentar  
Que o pai do assassino  
Devia se executar,  
Todos pediam ao governo  
Que mandasse o enforcar

O cachorro levantou-se  
Com quem estava caçando,  
Foi à casa de Roberto  
Na porta ficou uivando,  
Olhava para Roberto  
Partia a ele rosnando.

O general com aquilo  
Ficou bastante nervoso  
E disse ao governador:  
- Eu estou bem receioso  
Que ali naquela casa  
Está oculto o criminoso.

Então a força cercou  
Toda a casa de Roberto,  
O cachorro só faltava  
Era dizer:- Está bem perto,  
O general disse a ele:  
- O senhor está descoberto.

Roberto ali descobriu  
O assassino onde estava,  
Debaixo de umas madeira  
O monstro se conservava,  
Foi levado ao pé da força  
Onde o povo esperava.

Contou tudo o que se deu  
Antes de ser enforcado  
Os vulto que viu na cruz  
A quem tinha assassinado,  
O segredo do cachorro  
E o carro do magistrado.

As cinco horas da tarde  
A justiça o enforcou,  
O pai dele estava preso  
Assim que o sino dobrou  
Ele soltando um suspiro  
Não falou mais, expirou.



Estando morto o assassino  
O botaran sobre o chão,  
O cachorro olhou-o bem  
Chamando tudo atenção,  
Soltou dois ou três latidos  
Que espantou a multidão.

Quando a justiça ordenou  
O corpo ser inhumado,  
Sobre os pe's do general  
Calar caiu bem cansado,  
Talvez querendo dizer:  
- General, muito obrigado.

O general foi ver água  
Ao cachorro ofereceu,  
Ali o velho Calar  
Dois litros d'água bebeu,  
Trouxeram-lhe uma fritada  
Porém ele não comeu.

Festejando o general  
As pernas dele abraçou,  
Dirigiu-se ao presidente  
Esta mesma ação obrou  
E dali desapareceu  
Novo destino tomou.

Foi direitinho ao lugar  
Que a crime horrendo deu,  
No pé da cruz e Angelita  
Ele cavou e gemeu,  
O velho Pedro o Chamou,  
Mas ele não o atendeu

Deitando -se entre as três cruzes,  
Sua vida terminou  
as condições do guerreiro  
Que da batalha chegou,  
Trazendo os louros da guerra  
À sepultura baixou.

O general quando soube,  
Quer Calar era sumido  
E que fazia três dias  
Que não era aparecido,  
Mandou gente procurá-lo  
Ficando muito sentido.

Sairam cinco ou seis praças  
À procura de Calar  
O general tinha dito:  
- Não voltem sem o achar,  
Tragam ele direitinho,  
Não o façam maltratar.

Os praças foram ao lugar  
Onde o crime tinha havido,  
Onde a família Oliveira  
Tinha toda sucumido,  
Bem ao pé de uma das cruzes  
Tinha o velho cão morrido.

Tinha posto termo à vida  
O maior dos lutadores,  
O quem sua existência  
Viu o horror dos horrores,  
Que sem falar descobriu  
Quem matou os seus senhores.

O general quando soube  
Da forma que tinha achado  
Mandou fazer uma cova  
E nela fosse enterrado  
Um dos amigos mais firmes  
Que o mundo tinha criado

E na morte dos senhores  
Ele afirmou essa ação,  
Provando que tinha amizade  
Ao velho Sebastião  
E a morte foi vingada  
Por sua perseguição.

- 30 -

Só não fez foi dizer nada,  
mas provou por sua vez,  
Apontou só com a vista  
O monstro que o crime fez,  
Seus olhos diziam ao público:  
- Esse matou todos três.

Deitou-se encostado à cruz  
Que tinha edificado,  
Tinha morrido há três dias  
E nem sequer estava inchado  
Como quem dizia:- Agora,  
Posso morrer, estou vingado!

Mais de duzentas pessoas  
Assistiram enterrar ele  
Devido à grande firmeza  
Que tinha-se visto nele,  
Muita flores naturais  
Deitaram na cova dele.

Agora vejam, leitores,  
Quem era o velho Calar  
E como o Sebastião  
Um dia o pode achar:  
- Ele tinha quinze dias,  
O dono ia o matar.

Então o velho Oliveira  
Achou ser uma ingratidão  
Matar aquele inocente,  
Embora fosse ele um cão,  
Porém disse:- A caridade,  
Não se faz só a cristão.

E levou-o para casa,  
Disse à mulhor que o criasse,  
Dizendo:- Pode ser bom  
E algum dia ainda cace,  
Quando nada, da fazenda  
Talvez os bichos espantasse.



Calar créu-se e cresceu  
E era um cão caçador,  
Maracajá e raposa,  
Tinha dele grande horror,  
]Passavam por muito longe  
Da fazenda do senhor.

Era a vigia da noite  
Um minuto não dormia  
Numa coisa que guardavam  
O velho cão não bolia,  
Só quando os donos lhe davam  
Era que ele se servia.

A família de Oliveira  
Muitas vezes a conversar  
O velho dizia aos filhos:  
- Este cachorro Calar  
Tem expressões de pessoa  
Que conhece o seu lugar.

Em casa do dono dele  
De noite nada chegava,  
Um bacurau que voasse  
Calar se erguia e ladrava,  
Do puleiro das galinhas  
Os morcegos espantava.

Era muito caçador,  
O dono ele caçava,  
Porém a vizinho algum  
à noite ele acompanhava,  
Só saia para o mato,  
Quando o chamava.

Depois de terem morrido  
Os senhores de Calar,  
O pobre cão todo noite  
Ia para aquele lugar,  
Olhava para as três cruces  
Levava a noite a uivar.

- 32 -

Latia e fitava o céu  
Que a tudo causava dó,  
Vendo sangue no capim,  
Ele cobria com pó,  
la embora para a casa,  
Passava a dia ali só.

O velho Pedro dos Anjos  
Vizinhos de Sebastião  
Achou que aquele animal  
Merecia compaixão  
O chamou para não vê-lo  
Morrer lá sem remissão.

O velho Pedro saia  
Toda noite com Calar,  
Mas ele só ia à caça  
Depois que ia ao lugar,  
Aos pés daquelas três cruzes  
Não deixava de uivar.

Morreu o velho Calar.  
Ficou também descansado,  
Era um cão, porém deixou,  
O nome imortalizado,  
Morreu depois de vingar  
Quem já o tinha livrado.

Leitor, não levantei falso,  
Escrevi o que se deu,  
Aquele grande sucesso  
Na Bahia aconteceu,  
Da forma que velho cão  
Rolou morto sobre o chão  
Onde o seu senhor morreu.

**Vendas deste e muitos outros é com J. Borges**  
**Av. Major Aprígio da Fonseca, 420 - Bezerros-PE**  
**CEP 55660-000 - Fone: 3728.0364 / Cel: 9937.3838**





## BIBLIOTECA DIGITAL ÁTILA ALMEIDA

### ORIENTAÇÕES PARA O USO

Esta é uma cópia digital de um documento (ou parte dele) que pertence a um dos acervos da BIBLIOTECA DE OBRAS RARAS ÁTILA ALMEIDA. Trata-se de uma referência, a mais fiel possível, a um documento original. Neste sentido, procuramos manter a integridade e a autenticidade da fonte, não realizando alterações no ambiente digital — com exceção de ajustes de cor, contraste e definição.

**1. Você apenas deve utilizar esta obra para fins não comerciais.**

**2. Atribuição.** Quando utilizar este documento em outro contexto, você deve dar crédito ao autor (ou autores), à Biblioteca de Obras Raras Áttila Almeida, da forma como aparece na ficha catalográfica (metadados) do repositório digital. Pedimos que você não republicue este conteúdo na rede mundial de computadores (internet) sem a nossa expressa autorização.

**3. Direitos do autor.** No Brasil, os direitos do autor são regulados pela Lei n.º 9.610, de 19 de Fevereiro de 1998. Os direitos do autor estão também respaldados na Convenção de Berna, de 1971. Sabemos das dificuldades existentes para a verificação de que uma obra realmente encontra-se em domínio público. Neste sentido, se você acreditar que algum documento publicado na Biblioteca de Obras Raras Áttila Almeida esteja violando direitos autorais de tradução, versão, exibição, reprodução ou quaisquer outros, solicitamos que nos informe imediatamente ([atilaalmeida.bc@setor.uepb.edu.br](mailto:atilaalmeida.bc@setor.uepb.edu.br)).